

700885

Biblioteca - Unemat - PLA



00014003

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	14003
Data	19 / 08 / 2009
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Márcia Antônia de Souza

AVALIAÇÃO NO ENSINO APRENDIZAGEM

Pontes e Lacerda - MT

2008

371.26
5729a
ex.01

Márcia Antônia de Souza

AVALIAÇÃO NO ENSINO APRENDIZAGEM

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Professor Antônio Gomes

Pontes e Lacerda – MT

2008

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Antônio Gomes (orientador)

Teresa Pazos da Silva

Rosely Aparecida Romanelli

Pontes e Lacerda – 11 de dezembro de 2008

Dedico este ensaio monográfico aos meus familiares, em especial aos meus filhos e esposo, pela compreensão e companheirismo que tiveram ao longo desses anos, e aos pais e amigos pelo apoio a mim dispensados para que este meu objetivo de vida rumo ao conhecimento, efetivamente se realizasse.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, e também a todos os professores com os quais tive uma experiência significativa pelo conhecimento transmitido, em especial ao meu orientador Antonio Gomes, pela atenção dedicada a mim e ao meu trabalho de conclusão de curso. Agradeço ainda, à Instituição Unemat, e a todas as pessoas que direta e indiretamente se fizeram presentes ao longo desse percurso, ora angustiante, ora instigante, que enfim surtiu em mim o efeito de uma memorável e maravilhosa realização.

***"Um professor afeta a eternidade;
é impossível dizer até onde vai sua influência."
(Henry Adams***

Sumário

Resumo.....08

Apresentação..... 09

Processo de Avaliação.....11

Análise Sobre a Prática da Avaliação.....20

Considerações Finais.....31

Referências Bibliográficas..... 33

Resumo

A avaliação do sistema educacional é fundamental, por isso deve ser aplicada no decorrer do processo para o diagnóstico e construção do conhecimento do aluno. Considerando que a avaliação da aprendizagem se solidifica mediante a interação consciente entre professor e aluno, torna-se, então, necessário um método flexível, que atenda os aspectos coletivos e individuais. Dessa forma este ensaio monográfico, intitulado “Avaliação no Processo Ensino Aprendizagem”, busca compreender como a avaliação está inserida na prática, em sala de aula, e como ela contribui para diagnosticar o desenvolvimento dos saberes nos alunos. Para a construção desse estudo escolhemos uma escola estadual, no município de Pontes e Lacerda com o intuito de analisarmos qual postura os educadores têm adotado referente à avaliação. Como metodologia de pesquisa em campo adotou-se a permanência em sala de aula em dia de provas e também, aplicou-se um questionário de onze perguntas, para três educadores do Ensino Médio, classificados como professores A, B e C. Através da análise deste material verificamos que a metodologia adotada em sala de aula está longe da teoria, os professores encontram grandes dificuldades no processo da avaliação, quando o mesmo está voltado à construção coerente da aprendizagem. Observamos que os profissionais devem rever a prática pedagógica referente aos métodos adotados/aplicados, pois demonstram, em algumas respostas, certa insegurança, para um bom desenvolvimento do processo avaliação. As teorias propoem que é possível obter um desempenho satisfatório, quando há uma interação entre educadores, alunos e conteúdo, objetivando a partir do ponto em que se propoem ensinar e que se espera a aprender.

Palavras-chave: aprendizagem, construção do conhecimento, avaliação escolar, educadores.

Apresentação

A presente pesquisa sobre avaliação surgiu por um desejo pessoal de descobrir o enigma que há por trás do mundo avaliação, onde é visível o pavor do aluno no momento em que é submetido a uma avaliação.

Mediante a análise sobre a prática de avaliação em sala de aula realizada com determinados educadores e relacionada à experiência em sala de aula, este trabalho monográfico enfatiza os principais problemas que norteiam o ato de avaliar e busca uma reflexão sobre as metodologias utilizadas no decorrer das aulas, objetivando apresentar melhorias em seu processo de construção.

A escola na qual desenvolvi minha pesquisa apresenta muitas dificuldades no desenvolvimento de métodos que auxiliem a prática de avaliação, observa-se que há uma discrepância muito grande entre as teorias e a prática, mesmo porque nem todos os educadores conhecem as teorias e os que conhecem encontram obstáculo em desenvolver a prática na íntegra.

Nesse contexto existe, também, o fato de que o aluno já está bitolado com a prática da avaliação como ameaça, por isso é assíduos estudantes de véspera de prova estarem presos aos questionários e decorebas. De forma geral são capazes, embora o sistema dissipe o aprendizado, pois interpretam a avaliação de forma inadequada no que diz respeito à aprendizagem. Logo, há um distanciamento entre teoria e prática, aprendizado e avaliação.

Há enfoque explícito para a importância da mudança no ato de avaliar, abrindo espaço para uma formação de aprendizes críticos e participativos, para a construção do próprio conhecimento. Sendo assim, a avaliação deve ser vista e aplicada como âmbito fundamental para diagnosticar saberes, descobrir novos conhecimentos, garantir a interação humana no universo da sua própria aprendizagem contribuindo na formação de cidadãos capazes de interferir no meio social em que estão inseridos.

A teoria abordada foi baseada em autores que priorizam a avaliação como essencial à construção produtiva da aprendizagem, e não o que se aplica nas escolas, avaliação como meios de castigo, ameaça e reprovação, tal como explicitam Luckesi, Hoffmann, Vasconcelos, Werneck, LDB, PCNs e outros.

O presente trabalho monográfico apresenta-se dividido em duas partes essenciais à compreensão do assunto abordado. A primeira ressalta a parte teórica sobre avaliação

que enfatiza conceitos, metodologias, tipos de avaliação. A segunda parte apresenta a visão de alguns educadores sobre a importância e significação da avaliação como fator fundamental para a aquisição do conhecimento. E, principalmente, qual metodologia é utilizada para trabalhar a avaliação com os alunos. Baseando-se nas respostas há visibilidade de alguns fatores que impedem ou dificultam o interesse por uma avaliação adequada que possibilita o surgimento do real conhecimento do aluno. A presente pesquisa aconteceu em três momentos: parte teórica, questionário direcionado e a prática em sala de aula, na qual é explícita a distância entre teoria e prática.

O PROCESSO DA AVALIAÇÃO

“(...) A avaliação é entendida como resultado de testes, provas, trabalhos ou pesquisas que são dadas ao aluno e aos quais se atribuem uma nota ou conceito. Este aprova ou reprova. Temos, então, um julgamento”. (Masetto, 1997: 98).

Conforme Masetto (1997) o que predomina no processo de avaliação é o “julgamento”. Embora esse conceito seja uma prática ultrapassada, ainda assim é determinante nas escolas como fonte de aprovação e reprovação. Sabemos que a LDB garante, os PCNs propõem e os teóricos visam métodos capazes de fazer com que a avaliação subsidie o professor para uma avaliação diagnóstica, contínua do conhecimento, sem que o aluno sofra o peso da nota. Ainda assim a teoria e a prática estão longe de se fundirem.

Para Vasconcelos, (2006:54) “Há que se distinguir, inicialmente, ‘Avaliação’ e ‘Nota’. Avaliação é um processo abrangente da existência humana. [...] A nota, [...] é uma exigência formal do sistema”. Sendo assim subtemos que a função da avaliação esta voltada para a construção da aprendizagem, enquanto que a nota é meramente uma formalidade, nesse sentido há um choque entre teoria e a prática vivenciada nas escolas.

Quando Vasconcelos (2006: 55) levanta a questão “Avaliar para que?” ela pode nos abrir um leque muito grande, nos permitindo questionar qual é a verdadeira função da avaliação, reprovar, aprovar, extrair nota, agradar os pais, provar a competência ou incompetência, abrir caminhos, fechar portas, contribuindo assim para a verificação da qualidade do processo ensino aprendizagem. Tudo isso é possível e estará nas mãos do professor decidir o que fazer e como fazer. Porém, muitas vezes, ainda que sem a intenção, o professor age de maneira camuflada contribuindo ferozmente para colaborar com a exclusão escolar. Para Vasconcelos:

A avaliação Escolar é, antes de tudo, uma questão política, está relacionada ao poder, aos objetivos, às finalidades, aos interesses que estão em jogo no trabalho educativo. [...] Um posicionamento fundamental quando se fala de avaliação é relativamente aos objetivos da educação escolar, [...] A avaliação escolar está relacionada a uma concepção de homem, de sociedade. [...] o sentido dado pelo professor à avaliação está intimamente relacionado à sua concepção de educação. [...] Enquanto instituição, o papel que se espera da escola é que possa colaborar na formação do cidadão [...] pela mediação do conhecimento, [...] ajudar a compreender o mundo. [...] Assim sendo, entendemos que a principal

finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a formação integral do sujeito pela mediação da efetiva construção do conhecimento, a aprendizagem por parte de todos os alunos [...] Avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor. (Vasconcelos, Concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação Escolar, 2006: 55/56 e 57).

A partir do que nos coloca Vasconcelos, surgem preocupações com essa prerrogativa “para que avaliamos?”: estamos contribuindo para o desenvolvimento da construção do processo ensino aprendizagem? Conseqüentemente, na avaliação, devemos levar em consideração o que realmente o aluno conseguiu construir durante o processo educativo, e na vida cotidiana, e as mais diversas maneiras pelas quais ele expressa seus conhecimentos, sempre tomando como pressuposto o fato de que a avaliação tende a ser contínua e individual e não por padrões punitivos ou hierarquias.

Devemos considerar que a avaliação segundo Luckesi, (2005: 26) “está muito mais articulada com reprovação do que com a aprovação e daí vem sua contribuição para seletividade social, que já existe independente dela.”. Neste contexto a questão avaliação infelizmente, para muitos, ainda é vista como um instrumento utilizado de maneira errônea, desprezando os meios eficazes que podem contribuir significativamente para um desenvolvimento produtivo do conhecimento.

Diante dos estudos ora estabelecidos podemos constatar que o sistema educacional fornece ao professor elementos fundamentais para sua prática de avaliação, norteando-o para a criação de novos instrumentos de trabalho e retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequado para o processo de aprendizagem individual e de todo grupo. De acordo com os PCNs:

A avaliação é considerada como elemento fornecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno, [...] a avaliação diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e o próprio sistema escolar. (PCNs, 1997: 58 /59):

Com isso, a instituição escolar busca despertar para a consciência de que devemos valorizar e construir com a avaliação o crescimento do educando, bem como o conhecimento do professor. Portanto, se queremos valorizar a verdadeira aprendizagem

entendemos que também devemos valorizar o ser em aprendizado, o qual busca as mais belas e tenras informações que jamais serão esquecidas. Diante das propostas ora apresentas, para que o verdadeiro ensino aconteça não devemos nos limitar apenas ao saber que se prega da forma padronizada e com demagogia, tal qual está estipulado no livro didático, mas construir um saber que será utilizado durante sua existência.

Diante das considerações ora estabelecidas, entende-se que assim como se deve primar pela qualidade da aprendizagem, também no contexto avaliação isso deve ser fundamental. A partir do momento em que permitimos a nossos alunos uma avaliação com liberdade de expressão, na questão produção de conhecimento, podemos obter melhores resultados.

Através dos estudos realizados nesta pesquisa pode se perceber que os teóricos são unânimes quando apontam a necessidade da avaliação, com isso têm caminhando em busca de mecanismos que promovam a fusão entre teoria e prática. Para eles a escola, ainda nos dias de hoje, adota mecanismos que contribuem para exclusão/reprovação do aluno, por considerar que o erro não seja fonte de aprendizagem, nesse sentido estamos tratando de um tema polêmico intrigante que está arraigado em uma sociedade extremamente capitalista exigente e excludente. Segundo Luckesi:

A visão culposa do erro, na prática escolar, tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte da decisão. Todavia, uma visão sadia do erro possibilita sua utilização de forma construtiva. (2005:48)

Refletindo sobre o que propõe o autor, percebe-se que a questão reprovação fundamentada no “erro”, ou no fator não aprendizagem é questão passível de reparação e de mudanças, e, que, no entanto, essas mudanças segundo Vasconcelos (2006:58) exigem uma nas ações docentes. Esta nova concepção de avaliação vai exigir uma “mudança de postura por parte do professor”. Subentendemos que estes, por utilizarem métodos arcaicos não se preocupando com as transformações ocorridas no mundo e na escola, há tempos vêm assolando a prática educativa e contribuindo para o aumento da exclusão e a ociosidade das salas de aulas. E de acordo com Werneck:

Quando se propõe uma reforma a reação é típica e favorável à continuação do processo de discriminação social e educacional. Os educadores e a própria Sociedade não aceitam

as mudanças dos programas de ensino de seu tempo, embora ultrapassados, mas desejam que os alunos continuem estudando as mesmas coisas, embora inúteis. [...] geralmente garantida com poder do professor de reprovar ou reprovar. [...] tudo é feito em nome de uma honestidade profissional por parte de quem ensina, mas, o ensinante não tem capacidade de reconhecer que está passando aos seus discentes coisas absolutamente desnecessárias. (2001 p. 26).

Diante do que expõem Werneck, pode-se constatar que há uma resistência em relação às mudanças no sistema do ensino, à sociedade bem como os educadores estão arraigado no acomodismo, refletindo assim diretamente no processo de avaliação. E essa oposição vem se arrastando ao longo do processo educacional, embora as instituições bem como os profissionais da educação recebam todo um aparato do próprio sistema, ainda assim há um distanciamento do ideal, despertando um constante anseio, desejo e uma preocupação para que a avaliação tome rumos com intuito de diagnosticar a qualidade do desenvolvimento do aluno. É com objetivo de amparar o desenvolvimento gradativamente do aluno que a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, no Art. 24. Inciso V, nas alíneas: a, b, c, d, e, propõem que:

- a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) Possibilidade de avanços nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) Aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) Obrigatoriedade de estudo de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seu regimento. (Lei 9394/96)

Como se pode verificar, a Lei mostra os caminhos pelos quais a avaliação deve andar, como ela deve ser trabalhada no contexto escolar, quais são seus objetivos. Entretanto diante da pesquisa realizada em sala de aula surge a frustração, pois nota-se que na realização da mesma não são seguidos os pré-requisitos determinados na Lei, e que devem servir como subsídio para a verificação da aprendizagem. Apesar de todo este aparato existente alguns profissionais não têm se preocupado com o método avaliativo que proporciona uma continuidade da construção da aprendizagem, e com

isso acabam adotando para a avaliação, um sistema de “provas” e “exames” que apenas mede o desempenho do aluno e lhe atribui uma nota sem levar em consideração o processo.

Nesse sentido, não estão de acordo com a alínea ‘a’, do Artigo 24 inciso V que estabelece que a avaliação deve ser contínua e cumulativa. A preocupação da Lei 9394/96 no que diz respeito à avaliação é relacionar, envolver na instituição escolar como um todo, docente e discente, em todo o processo educacional em geral. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases, o sistema avaliativo deve ter a função de perceber as dificuldades do aluno, e fazer com que a avaliação seja um direito do aluno, e que este deve estar bem no momento de sua realização, pois esse é o momento de culminância de todo conteúdo trabalhado. Acreditamos que ambos (professor e aluno) devem estar em sintonia total e perceber que tal momento só será válido se houver êxito na aprendizagem do aluno, êxito esse que não depende de um só componente, e, só acontecerá se o estudante for assistido ou acompanhado de maneira tal que o aprendizado possa fluir naturalmente.

Outro aspecto relevante a ser considerado na avaliação é o de que ela deve ser capaz de proporcionar aos alunos oportunidades de manifestar seu saber. Assim a avaliação deverá englobar e aproveitar todo o conhecimento do aluno, possibilitando a este, expressar toda experiência adquirida ao longo da sua aprendizagem. O método avaliativo não pode se restringir apenas à aprovação ou reprovação, é necessário que sejam abertos espaços para que o aluno manifeste seu saber e assim oportunize seu desenvolvimento.

“O processo de avaliação deve ter como objetivo detectar problemas, servir como diagnóstico da realidade em função da qualidade que se deseja atingir. Não é definitivo nem rotulador, não visa a estagnar, e sim a superar as deficiências.” Revista Pátio Ano 2, janeiro/março de 1999: 13-17.

Nessa linha de raciocínio, Martins também aponta um fator importante na questão das práticas avaliativas adotadas pelas escolas atuais, denominado-a por “prática escolar libertadora”, segundo ela.

É uma prática em que o aluno é liberto das amarras. Amarras do medo de pensar, do medo de errar, do medo de ser, do medo de viver. É uma prática em que o educando não precisará mais se defender do professor e o professor rotulá-lo. (1995: 9)

Sabe-se, que embora a Lei 9394/96 garanta e todas as pesquisas apontem à necessidade da avaliação, é fundamental, porém, que as regras estabelecidas

desenvolvam e promovam o crescimento e a libertação do indivíduo avaliado, mesmo por que a aprendizagem não se restringe apenas à abordagem do conteúdo didático aplicado em sala de aula, mas sim a aprendizagem no contexto diário. E nesse sentido, há uma preocupação quanto à utilização da avaliação em caráter de eliminação, mesmo porque não se pode medir o conhecimento através de uma avaliação escrita ou oral, levando-se em conta que a aprendizagem não é algo que se mede. Portanto, ela não é exata, no entanto, deve se tomar devidos cuidados com todo e qualquer trabalho que envolva a avaliação, ela devera estar pautada em subsídio sólido, traçando sempre uma linha de abordagem do sistema avaliativo, como uma prática de construção e crescimento de cada aluno. Segundo Luckesi:

Para que a avaliação educacional cumpra seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social. (2005:42)

Com essa observação, o autor salienta que, a escola tem por obrigação contribuir de maneira significativa para a inclusão escolar, bem como ela é a porta o caminho para uma vida social digna. Porém seria interessante que essa instituição incumbida de transmitir o saber institucionalizado, e de criar condições para que o aluno construa seu conhecimento, se preocupasse com procedimentos diferenciados com intenção de promover meios para facilitar o ensino e aprendizagem de maneira que fosse acessível e compreensível a todos. Segundo os PCN:

O acompanhamento e organização do processo de ensino e aprendizagem da escola inclui, necessariamente, uma avaliação inicial, para o planejamento do professor e uma avaliação ao final de uma etapa de trabalho. [...] é importante que ocorra uma avaliação no início do ano; o fato do aluno estar iniciando uma série não é informação suficiente para que o professor saiba sobre suas necessidades. [...] mas essas avaliações não deve ser aplicadas exclusivamente nos inícios de um ano e de semestre; são pertinentes sempre que o professor propuser novos conteúdos ou novas seqüências didáticas. [...] na verdade, a avaliação contínua do processo acaba por subsidiar a avaliação final, isto é, se o professor acompanhar o aluno sistematicamente ao longo do processo pode saber, em determinados momentos, o que o aluno já aprendeu sobre os conteúdos trabalhados. (PCN Vol, 1: 82/83).

Para Hoffmann, uma questão bastante relevante é a abordagem da “Avaliação Mediadora” por se tratar de uma avaliação feita pelo professor e pelo aluno, formando uma parceria no processo de aprendizagem. O professor, nesse caso, tem a função de auxiliar o aluno, e fazer com que ele mesmo descubra no que deve melhorar e ao

mesmo tempo podendo avaliar seu desenvolvimento. Esta avaliação pode ir além de simplesmente uma avaliação própria do aluno, pode constituir-se num de meio de perceber suas limitações. Assim ela exerce a função de diagnosticar as dificuldades do educando e a partir delas buscar entender os porquês que há por traz de cada erro, para um possível acompanhamento diferenciado com um olhar para o despertar e desenvolver das habilidades e competências individuais.

Para tanto, antes de atentar para a questão das habilidades e competências o profissional da área também deve se auto avaliar diante dos resultados obtidos nas avaliações realizadas pelos alunos, pois como se sabe está mais que provado que se não houve a aprendizagem, subentende-se que também houve falhas no ensino. Todavia percebe-se que se houver uma mediação do professor com objetivo de fazer um acompanhamento que permita detectar o erro e dele fazer uma fonte que sirva de base para uma nova construção a avaliação terá cumprido seu papel na busca de resultados positivos. De acordo com Hoffmann:

(...) “a avaliação mediadora é de caráter longitudinal (acompanha a evolução das aprendizagens nos vários tempos e no espaço dos múltiplos fazeres) e alcança significados por meio de uma visão de conjunto (diversas situações e manifestações do aluno em articulação e complementação)”. (2005: 34)

Todavia, deve-se ressaltar que a abordagem da avaliação na concepção mediadora tem caráter construtivo, ela visa a auto-análise tanto do professor quanto do aluno. Entender a avaliação por este prisma tem permitido destacar sua importância como base para a reflexão, valorizando o conhecimento do aluno e seu potencial. É imprescindível a utilização do saber nato/cotidiano do aluno, de modo que sua diversidade seja instrumento positivo para aprendizagens progressivas. Assim, a avaliação mediadora tem o papel de refletir quanto à evolução do docente/discente, dentro das reais condições de cada aluno de maneira individual, dentro do seu próprio universo /realidade. Isto torna possível afastar o fantasma das provas que têm sido motivo da falta de interesse/exclusão de muitos alunos. Cabe, portanto, ao professor a tarefa de criar novas alternativas flexíveis, com o olhar voltado para tal realidade, Hoffmann salienta que:

O olhar avaliativo precisa ser flexível quanto à própria diversidade do contexto educacional, ao invés de se pautar por padrões fixos, elitistas e comparativos que só servem para menosprezar as condições reais de aprendizagem de crianças e jovens. (2005: 31).

A partir das idéias da autora entendemos que a avaliação tem se manifestado com uma forte tendência em cumprir o papel de vilã no ensino-aprendizagem para maioria dos alunos. Já no início do ano letivo há uma preocupação com a aprovação/reprovação criando espaço para a corrida em busca da nota, gerando medo em função desse fantasma que é uma constante ameaça, como se a avaliação/nota fosse a única prova do aprendizado, crescimento e competência do aluno. Para Luckesi (2005 p.24) “É a nota que domina tudo: é em função dela que vive a prática escolar.”

Nesse aspecto sabe-se que se deve trabalhar o rompimento com essa idéia de competitividade, uma vez que a nota não leva o aluno a seu real conhecimento. No entanto, não existe uma receita pronta e acabada, cada escola fica com a responsabilidade de desenvolver mecanismos em conjunto professor/aluno entre o aprender e o ensinar, movido pelo mesmo desejo de superação e transformação; uma vez que a avaliação é uma ação continuada. Segundo Luckesi:

A avaliação da aprendizagem existe propriamente para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Ela tem a função de possibilitar uma qualificação da aprendizagem do educando. [...] o modo de utilização da avaliação classificatória, [...] é um lídimo de fazer da avaliação do aluno um instrumento de ação contra a democratização do ensino, na medida em que ela não serve para auxiliar avanço e crescimento do educando, mas sim para assegurar sua estagnação, em termo de apropriação dos conhecimentos e habilidades mínimos necessários. (2005: 66)

Isto nos leva à compreensão de que esta concepção de avaliação abre espaço para verificar a evolução da maneira do aprender do aluno e o planejar do professor, possibilita meios e informações para que o professor possa planejar, e se necessário replanejar seus métodos de trabalho, com objetivo de atingir tanto o aluno individualmente, quanto o desenvolvimento em grupo. Sabe-se que para que haja sucesso no método avaliativo é fundamental definir critérios claros de modo dinâmico em que o aluno esteja incluído totalmente ou parcialmente no contexto; não esquecendo a diversidade cultural de cada aluno. Com isso é possível garantir um processo satisfatório, que esteja adequado a cada momento e necessidade educacional/social do educando. Para Luckesi:

De fato, o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada para, em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo

de chegada, especialmente quando o objeto da ação avaliativa é dinâmico com, no caso, a aprendizagem. (2005: 34)

O autor supracitado tem um olhar voltado para a avaliação de maneira geral, e não uma concepção restrita em que a mesma tem o papel apenas de medir, excluir e somar conhecimentos. Avaliar por este prisma é verificar o crescimento do aluno no seu dia a dia, sempre acompanhado pelo professor e em permanente processo de construção, processo este sempre flexível. Para Dall' Agnol, Apud Hoffmann:

Quando se fala em avaliação, implícita ou explicitamente fala-se em educação, levando em conta o processo como um todo. Para o professor, envolve a educação de si mesmo, o “ser-pessoa-professor”, antes mesmo de entrar na sala de aula. Pressupõe, portanto, uma instrumentalização que anuncia a própria relação com o mundo. E na congruência desses pontos de encontro que se descobre o caminho. Só então é possível acertar o passo. O passo, em estilo, é a técnica, e a luz que norteia o caminho é a visão do mundo. Não ha como separar. [...] A avaliação não envolve somente questões de organização ou de objetivos. Ela envolve, [...] o professor e aluno [...]. (2005: 89)

Desta feita abrem-se possibilidades para a criação de novas estratégias, deixando lacunas para aprender a aprender, com novas experiências podendo, assim afastar o fantasma das provas. Contudo os teóricos jamais salientam a abolição das provas, para eles ela se faz essencial para posteriormente se saber por onde recomeçar a ação. Assim para muitos, a avaliação deve estar pautada no tripé: ação-reflexão-ação, e, jamais, atribuir o insucesso e o desinteresse dos alunos simplesmente á questão da avaliação.

ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO

A coleta de dados realizada em uma escola pública do município de Pontes e Lacerda através de observação e entrevistas com professores permitiu-nos constatar que a sistemática de avaliação atualmente adotada pela instituição implica, especialmente no discurso dos professores, ação diária. Isto nos mostra que a avaliação é caracterizada como um processo complexo de compreensão. Entretanto, ainda assim, a avaliação não tem sido trabalhada de maneira satisfatória proporcionando a aprendizagem coerente do aluno contrariando as orientações pedagógicas de que o ato de avaliar e ser avaliado deve ser valorizado nas escolas como uma prática produtiva de sentidos na construção do conhecimento tanto individual quanto coletivo.

Para entendermos a relação entre teoria e prática da avaliação em sala de aula, assisti várias aulas em dias em que diferentes professores aplicaram provas. Elaboramos também, onze perguntas sobre o tema, direcionadas a três professores, do Ensino Médio pertencentes à escola supracitada de Pontes e Lacerda. Cada entrevistado respondeu-as de forma individualizada, conforme as experiências vivenciadas durante o processo ensino-aprendizagem. Os questionários abordaram a visão dos educadores sobre a importância do processo de avaliação, e buscaram compreender aspectos relacionados à valorização dos métodos de avaliar. Os dados nos mostraram que o discurso se contradiz com a prática, foi possível perceber que há divergências entre a teoria, o que diz o professor sobre a avaliação e a prática avaliativa que ele desenvolve no cotidiano de suas aulas.

Com o objetivo de entendermos qual a concepção teórica dos professores sobre o assunto, iniciamos a pesquisa questionando-os sobre o que é a avaliação? E obtivemos respostas que refletem conceitos e objetivos diferentes conforme a realidade vivida na sala de aula e as experiências individuais de cada entrevistado. O professor A ressalta que a avaliação “é conseguir durante o período de aula verificar o rendimento e aproveitamento adquirido.” Já o professor B conceitua que a avaliação resume-se em “avaliar o aluno em todo o processo”. Porém, para o professor C, em síntese ele coloca que: “é a tentativa de chegar ao conhecimento adquirido”. Ainda respondendo à questão ele mostra uma preocupação na preparação do aluno para uma vida futura, ao afirmar que “avaliar é uma preparação ou fundamento para encarar os desafios”. A nosso ver o

professor B, e C, entendem a avaliação como um processo contínuo e social uma vez que ambos dão destaque ao processo. O professor C ao afirmar que “os aspectos do cotidiano devem ser constatados no processo avaliativo” nos mostra que valoriza o conhecimento de mundo da criança, e busca, na avaliação, extrair o desenvolvimento e compreensão do aluno tanto no contexto escolar quanto na aprendizagem do seu cotidiano. Apresenta-se, pois, adepto a teoria de Hoffmann (2005: 31) “Todos aprendem todos os dias, de jeitos diferentes, coisas diferentes, em tempos diferentes”.

A segunda pergunta dirigida aos professores foi, Por que Avalia? As respostas revelam ações diferentes e semelhantes que caracterizam educadores que buscam melhorias no processo da aprendizagem, porém com dificuldades em executá-las com a qualidade desejada. O professor A expõe que é “Para se ter consciência do que deve ou não deve ser retido”, para tanto esse professor trabalha a avaliação com a função de reter ou passar os alunos, fica explícito que utiliza a avaliação como forma de medir o conhecimento do aluno. O professor B respondeu que utiliza o processo também, para auto se avaliar “[...] para saber como está a sua aula [...] verificação do processo de ensino”. O Professor “C” acrescenta que é para instigar os alunos a crescerem [...] estimular os alunos a pensarem por si próprios. Notamos que o professor “B” prioriza a importância da valorização do conhecimento de ambos, afinando-se assim com as idéias de Martins (1995: 24) que afirma que “A avaliação também tem como pressuposto oferecer ao professor oportunidade de verificar, continuamente, se as atividades, métodos, procedimentos, recursos técnicos que ele utiliza estão possibilitando ao aluno alcance dos objetivos propostos”. O professor “C” definiu que essa questão está relacionada às concepções de renovação, baseada na verificação e crescimento do aluno. Este professor dá destaque ao processo e construção do conhecimento pelo aluno.

No que tange a terceira pergunta, Qual seria o método de avaliação adotado pela escola? O Professor “A” não hesitou em classificar a avaliação como mediadora. Segundo ela, as condições do aluno e as modalidades do sistema, determinam o método empregado. O que vem ao encontro da teoria de Hoffmann (2005: 34). Para esta autora “A avaliação mediadora é de caráter longitudinal (acompanha a evolução das aprendizagens nos vários tempos e no espaço dos múltiplos fazeres) e alcança significados por meio de uma visão de conjunto (diversas situações e manifestações do aluno em articulação e complementação)”. Sua estratégia é explorar todas as

possibilidades do trabalho tendo a flexibilidade para se adequar a cada dificuldade e a cada saber.

O professor “B” através de uma resposta curta diz que o método é o “Processual”. Nesta concepção a avaliação transforma-se num processo capaz de acompanhar e facilitar o desenvolvimento e as habilidades do aluno, contribuindo para o crescimento e rendimento do discente.

O professor “C” assim como os professores “A” e “B” demonstraram em suas respostas, também acredita na avaliação do dia a dia, não se esquecendo do histórico do aluno, e de sua vida social, afinando-se assim com as idéias de Hoffmann (2005: 33) de que “O olhar do professor precisa ser, assim, sensível ao tempo de cada educando de cada grupo de aluno, qualitativamente diferente a cada momento e promissor em seu inacabamento”.

Olhada por este aspecto a avaliação visa seguir o caminho proposto por todos os estudiosos da avaliação atualmente que é o de respeitar os momentos de cada aluno. Parece-nos que estes educadores buscam uma alternativa em conjunto professor x aluno, objetivando a avaliação como caminho para a ampliação dos saberes.

A quarta pergunta direcionada aos educadores foi no sentido de averiguar qual a abertura que a escola dá para avaliar o aluno no dia a dia. Também nesta questão observamos o senso de criatividade e motivação dos professores no momento em que a escola dá abertura para essa prática de avaliação com os alunos. Através das respostas que, embora tenham sido curtas, foram muito claras, especialmente dos professores B e C, compreendemos a relação direta e verdadeira entre professor e aluno nesse espaço criado para que o aluno também seja avaliado pelos seus saberes do cotidiano. O professor “A” afirma “sim claro”. O professor “B” responde “[...] sim de acordo com o projeto político pedagógico a avaliação é no cotidiano”. O professor “C” ressalta a importância de avaliar no cotidiano, quando afirma “[...] é a forma que vejo como cada aluno progrediu [...]”.

Como vimos os professores A, B e C utilizam os mesmos recursos, ao possibilitar a avaliação no cotidiano, facilitando aos alunos o desenvolvimento, ao enfatizarem as ações diárias, abrem espaço para crescimentos significativos que transitam no decorrer do processo da avaliação. Estes educadores vêem o processo avaliativo como um meio de diagnosticar o real saber de cada aluno. Ao utilizar a palavra “cotidiano” fica explícito que os professores “B” e “C” trabalham em função do

acompanhamento direto com desenvolvimento individual de cada aluno. Para Hoffmann (2005: 89)

“A avaliação não envolve somente questão de organização ou de objetivos. Ela envolve, inclusive e eu diria que envolve bastante, a disposição do professor em realmente se preocupar com cada aluno, individualmente no sentido de seu acompanhamento, proporcionando um atendimento às diferenças e levando-o a um crescimento dentro de suas potencialidades”.

Ainda para Hoffman a avaliação vai, além de uma organização pedagógica, é uma forma de observar a interação humana que transmite todas as descobertas, conhecimentos adquiridos e natos, e, principalmente, contribui para a formação do crescimento do indivíduo avaliado.

A quinta pergunta teve como objetivo saber se a escola oferece uma forma de avaliação dinâmica/participativa. O professor “A” disse que sim, em todos os aspectos, porém deixa clara sua dificuldade em propor essas atividades aos alunos quando diz: “Todas, mas o problema é fazê-los” nesse sentido é nítida a dificuldade encontrada por ele em desenvolver um trabalho avaliativo desta natureza. Já o professor “B” foi curto e objetivo ao responder que avalia “[...] de acordo com a escola ciclada”, subtende que há uma proposta de avaliação muito boa e se o professor conseguir realizar o que está proposto lá ele fará uma ótima avaliação. O professor “C” afirmou que a escola oferece “recursos, material ” e, segundo ele, cabe ao professor aproveitar as possibilidades e explorar as oportunidades criando uma interação entre professor, espaço físico, materiais disponíveis, aluno e aprendizagem. Ainda segundo suas palavras, “[...] é o professor que deve estimular essa avaliação [...]”. Este professor menciona um trabalho da feira de ciência que, segundo ele, foi muito gratificante. Parece-nos que o professor “C” enfatiza, em suas aulas, a criatividade, trabalha o estímulo no processo de avaliação. Esta ação com a participação direta do aluno criando e recriando possibilidades para novos caminhos do conhecimento vem ao encontro da teoria de Hoffmann (2005: 57) para quem “ o olhar avaliativo não pode se dar num jogo de surpresas ou de mistério, de individualismo, de autoritarismo, mas de troca, de compreensão, de interlocução”.

O sexto questionamento abordou a reação do educando diante da avaliação. O professor “A” argumenta “tem-se muitas opções”. Este professor não respondeu diretamente à questão fazendo referência apenas às muitas formas que ele pode utilizar para avaliar. Deu-nos uma resposta vaga, solta não apresentando uma relação coerente

entre professor, avaliação e aluno. Este professor mostra-nos que através da sua prática de avaliação não consegue decodificar as dificuldades do aluno, uma vez não é capaz de assimilar o conhecimento e as dificuldades verdadeiras encontradas pelos alunos na hora da avaliação.

Já o professor “B” afirma que os alunos têm uma reação “normal” diante da avaliação indicando-nos que os mesmos vivenciam-na com naturalidade. Entretanto, sabe-se que logo que o professor anuncia a prova, é um momento tenso, é natural que o educando demonstre uma reação qualquer, embora esse professor não consiga decodificar tal reação. Ao analisarmos a resposta do professor “B” compreendemos que há um distanciamento do professor com o verdadeiro mundo real do aluno num momento tão crucial como o da avaliação. Nesse momento, embora para o professor haja uma normalidade é provável que uma observação mais direta, mostre reações diversas e tensas. Não desmerecendo e nem desrespeitando seu parecer, sabemos que, como alunos, como seres humanos, diante de qualquer ato avaliativo, estamos sujeitos a uma modificação comportamental pois é notório que vários fatores interferem na abordagem da avaliação, em especial o tabu da nota, que construímos ao longo do processo do ensino. Estes são fatos reais que se sobrepõem na hora da avaliação, muitas vezes sufocando o próprio saber.

Contrariando esta afirmação o professor “C” respondeu que “[...] é complicado, cada aluno tem uma reação diferente de acordo com as expectativas que se projeta para o futuro [...]”. O professor “C” nos passa uma amostra da realidade dos acontecimentos, que perpassam a vida cotidiana de cada aluno. Este professor tem consciência de que os alunos sofrem uma reação diversificada, porém, real.

Na sequência, questionamos os professores quanto às questões sociais e familiares, se elas são levadas em consideração na hora da avaliação. As opiniões dos professores entrevistados foram divergentes. O professor “A” respondeu de forma meio truncada, nada esclarecedora. Segundo ele “[...] Ao final de bimestre reunimos os pais [...] pois os pais não freqüentam ou nem chegam a vir à escola para saber de seus filhos [...]”. Este professor responsabiliza os pais pelo insucesso dos alunos e avalia ingenuamente as interferências sociais e familiares na educação dando a entender que bastaria a presença dos pais para que todos os problemas fossem solucionados. É evidente que esta presença é importante, mas não é suficiente, o professor deve buscar conhecer a realidade de cada aluno independente da presença da família na escola.

Já o professor "B" responde de forma objetiva: "Sim". Porém não entra em detalhes quanto aos caminhos ou formas pelas quais esta realidade é levada em consideração não nos permitindo uma análise mais profunda.

Finalmente o professor "C" enfatiza com determinação "No meu caso sim, porque o aluno também é pessoa, é gente, e como qualquer pessoa sente o peso da influência social, principalmente da família ou grupo de amigos que fazem". Este professor deixa clara sua preocupação e o seu comprometimento diretamente com o aluno, e com a instituição de ensino, bem como com o desenvolvimento social e estrutural do educando, principalmente a grandeza de se atentar para as dificuldades no ato da avaliação respeitando o momento do aluno.

Ao analisarmos as respostas dos três professores percebemos que nem todos entendem a importância do ato de avaliar levando em consideração o contexto, tendo em vista que a ação externa pode e atinge diretamente o processo ensino aprendizagem. E nesse aspecto é nítido que o professor "A" não prioriza o estado emocional do aluno; sendo que essa observação é de fundamental importância no processo de avaliação. Este professor contraria o proposto por Souza (1994: 145) que dá ênfase aos diversos aspectos que devem ser considerados na avaliação. Para esta autora "A avaliação do rendimento escolar analisa a expressão do aluno, nas áreas cognitivas, afetivo-social ou psicomotora, apresentada de forma oral, escrita, corporal, gestual" cabendo ao educador utilizar meios metodológicos que minimizem o impacto da ação do meio sofrida pelo aluno.

A oitava pergunta foi se a escola está apta a aprovar/reprovar o aluno. O professor "A" considera que a instituição só está condicionada à aprovação: "[...] A escola está apta só para aprovar [...]". O professor "A" afirma que "A escola está apta só para aprovar, porque se o professor resolver por não aprovação questão, terá que provar a sua incompetência.". Ao analisarmos a resposta do professor "A" notamos que há uma negação do processo de construção do saber pelo aluno uma vez que ao mencionar a expressão "a sua incompetência" nos mostra que ele aprova o aluno para se auto afirmar como professor. A partir desta constatação podemos ressaltar que este professor não aposta no saber como uma ação em conjunto, sendo assim suas idéias vem contrapor a teoria. Souza (1994:105). "Também o facilitar a aprovação não permite reduzir verdadeiramente o fracasso, pois esta se dá como uma medida isolada, não

acompanhada de um trabalho subsequente que efetivamente de condições de superação das dificuldades”.

Por outro lado o professor “B” afirma que “A escola desde que trabalha com a avaliação está sempre apta a avaliar”. Este professor “B” garante que a escola está preparada para avaliar, e, ao afirmar isto coloca-se em contradição em relação à professora “A”, uma vez que considera o processo de avaliação como um todo e não o simples ato de aprovar ou reprovar. Isto nos mostra que há divergências entre os professores da mesma instituição com relação à avaliação, e evidencia que há no ensino aquele professor comprometido individualmente com seu trabalho e resultado do mesmo, tanto quanto aquele descomprometido.

O professor “C” respondeu: “[...] vejo que a escola como uma representação de uma pequena sociedade está apta a avaliar e reprovar desde que se apontem critérios que fundamente com argumentos [...]”. Este professor, em síntese, demonstra que a instituição está sim apta a avaliar e reprovar, desde que esta esteja pautada em fatos reais e consistentes. Para Martins (1995: 16) “avaliar significa atribuir alguns valores, e não implica em desvalorização”. Ao afirmar que “a sociedade de modo geral faz avaliação” o professor utiliza do seu conhecimento de mundo, para preparar o aluno para ser avaliado não só na escola como na vida cotidiana. A declaração deste professor nos permite subtender que ele toma como prioridade para fundamentar o processo de aprendizagem a realidade vivenciada pelo educando respeitando a cultura e o conhecimento internalizado do aluno. Estes são fatores que representa um momento de suma importância no momento de uma avaliação.

Na nona questão procuramos saber, na opinião dos professores, qual é o método mais eficaz, se é que existe para uma avaliação ser considerada produtiva, com o intuito de verificarmos a relação direta dos professores com os métodos avaliativos, que eles aplicam como meio para diagnosticar o verdadeiro estágio de aprendizagem do aluno. O professor “A” argumentou que desconhece os recursos eficazes: “ainda não consegui ver”. Este professor “A” mostra uma visão bastante delicada e limitada no seu parecer sobre a avaliação, visão esta que não parece contribuir na construção do conhecimento. Entendemos, então, que há um distanciamento entre o sistema de avaliação proposto atualmente e o referido professor, e nesse caso específico, há a necessidade de uma reparação, para que haja sentido no propósito avaliar. Nota-se que esse professor não tem o hábito de buscar diferentes meios de aperfeiçoar a avaliação em relação a aprendizagem. Quando utiliza a expressão negativa “desconhecer”,

parece-nos que não atribui a importância devida à avaliação na aprendizagem escolar, visto que o conhecimento dessa ação é considerada de fundamental importância para o processo ensino-aprendizagem.

Já o professor “B” revela utilizar a avaliação “Processual/Dinâmica”. Este professor trabalha numa dinâmica interativa no diagnóstico dos estágios de aprendizagem do dia a dia do aluno, tem noção ampla do desenvolvimento do aluno ao longo de todo o ano letivo, e prioriza a participação e a interação na produtividade de cada educando.

O professor “C” deixa claro não acreditar em método eficaz e que atenda a todas as necessidades de todos os alunos uma vez que vai depender do momento de cada aluno e de cada turma. Este professor afirma: “não acredito em método eficaz [...] acredito em métodos que dão certo”, deixando explícito que valoriza o momento da aprendizagem buscando alternativas. Dá ênfase ao fato de que é fundamental o conhecimento das turmas para possibilitar uma avaliação produtiva voltada para o aprendizado do aluno. De acordo com Martins (1995: 17)

[...] para avaliar podemos usar instrumentos que testem e/ou meçam, mas é mais do que atribuir um número, quantificar, pesar, qualificar e atribuir um valor quantitativo e/ou qualitativo; é, acima de tudo, confirmar a validade de um empreendimento. É constatar se a estratégia escolhida, na busca de algo, funcionou, era a mais adequada à situação e compensou, isto é, satisfaz nossas expectativas.

Isto nos permite constatar que o ato de avaliar oscila, muda e torna-se cada dia um desafio, que deve ser priorizado na mediação aluno/professor uma vez que a avaliação tem uma função de exercitar o aluno a fazer uma reflexão sobre seu próprio entendimento de todo material trabalhado em sala de aula, da matéria ensinada durante um mês ou um bimestre, deixando em aberto as lacunas para que a avaliação tenha a função de diagnosticar o saber do aluno. Nesse sentido pode ser observado um trabalho intenso tanto do professor quanto do aluno em busca do meio que corresponda à eficácia esperada, para que avaliação aconteça de forma construtiva. Todos os estudos já realizados apontam para o fato de que a avaliação é determinante para o saber. Segundo Martins (1995: 33) a avaliação:

[...] Visa determinar a presença ou ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem permitindo averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem.

Na décima pergunta enfatizamos o fato de que a avaliação é, muitas vezes, empregada como forma de punição o professor e procuramos saber qual a visão dos professores a este respeito. O professor "A" respondeu: "precisamos de dados concretos". Este professor deu-nos uma resposta evasiva não arriscando opinar em relação a fatos sobre os quais ele não tem dados concretos. Em outras palavras, parece-nos que ele valoriza a materialidade da prova como forma de avaliar.

Já o professor "B" afirma que "a avaliação nunca deve ser punitiva" enquanto que o professor "C" ressalta: "Não acredito que o professor aplica como punição". Contrariando a afirmação de Luckesi (2005: 21) de que "Os professores elaboram suas provas para "provar" os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem; por vezes, ou até, em muitos casos, elaboram provas para "reprovar" seus alunos", os professores "B" e "C", trabalham no sentido de que a avaliação poderá se transformar em uma importante oportunidade para que professores e alunos, efetuem uma revisão de tudo que foi ou deveria ter sido aprendido, proporcionando as oportunidades de perceberem o que ainda pode ser melhor. Nesse aspecto é muito importante aproveitar a correção da avaliação escrita para os alunos identificarem as suas principais dificuldades, e não para usar os erros como punição, pois conforme nos diz Luckesi (2005: 21) "a avaliação não deveria ser fonte de decisão sobre o castigo, mas de decisão sobre os caminhos do crescimento sadio e feliz". Sendo assim o professor poderia dedicar-se os estudos dos conteúdos que os alunos menos compreenderam, para que possa desenvolver melhor e com mais habilidades os conceitos sobre os quais os alunos ainda encontram dificuldades.

Diante disso podemos observar que os professores mencionados, tomam alguns cuidados nos métodos de abordagem e elaboração das provas para que os alunos tenham uma noção clara, e menos penosa nas avaliações da aprendizagem, possibilitando a tomada de decisão, e a melhoria da qualidade do ensino. O objetivo é acompanhar todas as ações em desenvolvimento, uma vez que surge constantemente a necessidade de regularizações e de atualizações no sistema avaliativo.

Com a finalidade de enfatizar quais as críticas dos educadores referentes ao método de avaliar foi feita a décima primeira pergunta: Qual o método adotado pela escola para que se obtenha uma avaliação construtiva? O professor "A" enfatiza que: "Gostaria de Saber qual é?" deixando claro que desconhece métodos avaliativos capazes de proporcionar a construção do conhecimento pelos alunos. Notamos que este professor continua sem interação aluno/sistema/instituição.

Já o professor “B” afirma que a escola orienta para “Avaliar o aluno no todo e não isoladamente”. Esta afirmação nos permite ver que a metodologia adotada por este professor para avaliar seus alunos está afinada com os propósitos da escola ciclada e também com as propostas dos estudiosos do tema.

O professor “C” afirma que o “importante para meus alunos é terem idéia própria” e propõe que se “siga a grade curricular”. Este professor, em sua proposta metodológica para avaliar os alunos, mostra estar preocupado com a emancipação dos alunos já que quer formar sujeitos que pensem por si mesmos. Assim, ele dá importância à construção crítica do conhecimento por parte do aluno fugindo do modelo da repetição tão comum em nossas escolas. Sua concepção permite abranger toda a realidade contextual de cada aluno, e dar oportunidades para o aluno construir sua autonomia.

O resultado da pesquisa realizada com os professores nos mostrou que, sob muitos aspectos, estes ainda necessitam buscar uma interação mais profunda na prática do processo da avaliação/aprendizagem. A observação realizada em sala nos mostrou que muito do que os professores afirmaram na entrevista não acontece no dia a dia da sala de aula. A observação da realidade nos permitiu ter uma visão mais ampla de como realmente essas avaliações são aplicadas, e percebemos que os conceitos dos professores ou seja, o que eles afirmam sobre a avaliação, se choca com o que eles efetivamente fazem na prática. Podemos constatar que há uma discrepância entre discurso e prática, foi possível notar um desnível em relação aos professores e seus discursos, e os métodos adotados por alguns deles. Nessa pesquisa estive em contato direto com professores e alunos e choquei-me ao deparar com métodos ultrapassados ou equivocados, incapazes de proporcionar a construção do conhecimento e que ainda são aplicados. Podemos citar como exemplo a prática, bastante comum, de avaliar o material do aluno e atribuir nota ao mesmo e aos pais sem levar em conta o aprendizado, acreditando assim, que, com isso, poderá provar sua competência. Isto nos faz atentar para a necessidade de se investir em cursos de capacitação que lhes permita rever seus métodos. Com isso consideramos que os professores têm que rever suas práticas referentes aos seus conceitos avaliativos.

Percebe-se que, em alguns questionamentos, os professores demonstraram a falta de conhecimento bem como a falta de criatividade e vontade própria de crescer e fazer a diferença. Nesse aspecto me lembro de uma passagem de Ruben Alves na obra “Conversas com quem gosta de ensinar” onde este autor compara os professores a

eucaliptos e a jequitibás. Os eucaliptos limitam-se a ser iguais, repetir o já estabelecido sem nunca buscar novos caminhos enquanto que os jequitibás marcam sua trajetória como espécimes únicos e exemplares capazes de se destacar e marcar seu tempo.

Quando o professor se propõe a ser um, jequitibá mesmo nas escolas e salas com número bastante elevado de alunos, sabe-se e que esse professor tem um comprometimento com o ensino como na vida escolar e social do aluno, acredita e busca as mudanças, mesmo sabendo que essas mudança envolve um esforço maior.

Acredito que para que uma ação aconteça é necessário sonhar que é possível mudar, fazer diferente, correr atrás de mecanismos para que isso aconteça e dessa forma cada um constrói sua própria história dentro da educação formando uma corrente tendo como importante suporte para este trabalho a avaliação. É necessário mobilizar a escola para melhoria na construção do conhecimento através da avaliação, é importante priorizar a avaliação contínua, pois os estudiosos enfatizam que o aluno deve ser avaliado no decorrer do processo. Pudemos observar que, dentre os professores entrevistados, há o que tem uma noção clara de que a avaliação da aprendizagem possibilita a tomada de decisão e a melhoria da qualidade do ensino, embora tenha dificuldades em empreendê-la na sala de aula. Uma formação contínua e mais investimento na área pode transformar estas idéias em realidade fazendo assim com que a avaliação seja, de fato, um instrumento capaz de colaborar para a construção do conhecimento pelo aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado nos permitiu constatar que as transformações em torno do processo de avaliação, tem gradativamente tomado corpo, principalmente se levarmos em conta que, alguns educadores demonstram compromisso com o ensino, visando estar em constante atualização, não com a intenção de apenas verificar os conceitos que estão sendo modificados no que diz respeito à avaliação, mas sim se propondo a acompanhar as mudanças e realizá-las em sua prática, mesmo porque, conforme nos diz Masetto (1997: 98) “a avaliação acompanha todo o processo de aprendizagem”.

Com isso, a avaliação ganha, no dia a dia, mais espaço no cotidiano escolar, fazendo necessário que a abordagem do professor acompanhe as mudanças nesse processo que deve ser tanto individual quanto coletivo buscando ao mesmo tempo atender as particularidades de cada aluno e as necessidades do grupo sem perder de vista que o julgamento é sempre provisório. Para Hoffmann:

O olhar do professor precisa ser, assim, ao tempo de cada educando, de cada grupo de alunos, qualitativamente diferente a cada momento e promissor em seu inacabamento. [...] De fato, é muito difícil um ‘olhar’ consistente sobre um grande número de alunos, em poucas horas de aula, daí a importância de se considerar a provisoriedade dos registros e dos significados que se atribui às suas respostas, reações e tarefas, que podem sempre vir a ser contrapontos ou negados pelo aprofundamento de tal observação. (Pontos e Contra Pontos: 2005: 32),

Portanto na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório/comparativo, sejam supervalorizados e ultrapassem nem que se sobreponham à aprendizagem diária do aluno, e tampouco às suas observações cotidianas. O professor que trabalha numa dinâmica interativa, tem noção prática, ao longo de todo o ano, da participação e produtividade de cada um dos alunos.

Nesse processo ensino/aprendizagem há sempre um caminho a seguir e é necessário que o professor verifique, se o trajeto percorrido pelo aluno está na direção proposta pelo objetivo a ser alcançado. Para obter respostas positivas a essas informações sobre o rumo que cada um dos educando está tomando é necessário que seja aplicada um método avaliativo que permita um acompanhamento diário, para que, com isso o professor possa diagnosticar se os alunos estão obtendo o conhecimento esperado, bem como ter a oportunidade de reconhecer os que estão em desvio e propor ações que os norteie no caminho esperado, Sabemos que a avaliação quando utilizada

corretamente tem a capacidade de descrever e revelar o conhecimento e as aptidões que os alunos no decorrer de um período adquiriram, ou seja, que objetivos propostos pelo método de ensino/aprendizagem tiveram êxito. Segundo Martins:

Avaliar é conscientizar a ação educativa. As definições levam-nos a concluir da importância da avaliação no sistema escolar, pois é através da mesma que o professor e a escola verificarão se os objetivos do ensino e do sistema foram alcançados. (1995:32)

Diante disso podemos pressupor que as informações obtidas através da avaliação são necessárias ao professor para que o mesmo possa procurar meio e estratégias que contribuam na elaboração de estratégias essenciais para que os alunos possa resolver as dificuldades existentes, e que os mesmos percebam e identifiquem com mais clareza as suas próprias dificuldades em um campo que ainda para eles é um enigma, e assim tentar ultrapassar essas barreiras com o auxílio do professor e com o seu próprio esforço alcançando novas metas. Neste sentido a avaliação tem uma intenção formativa que deve ser valorizada e trabalhada pelo professor. Para Martins é a avaliação formativa “[...] que terá por pressuposto o acompanhamento no processo de desenvolvimento em direção às metas previstas, com base na observação e reflexão críticas de novos desafios que serão oportunizados. (1995: 25)

Portanto, a avaliação formativa possibilita ao professo/aluno, conforme já dissemos detectar se os objetivos estão sendo alcançados de modo que ambos possam reconhecer seus erros/acertos, dessa forma criando possibilidades para uma reformulação do trabalho desenvolvido, visando um aperfeiçoamento na proposta pedagógica com o objetivo de minimizar as dificuldades existentes no processo ensino/aprendizagem. Porém, para que a avaliação se consolide efetivamente como formativa é necessário que o aluno compreenda, e tenha controle sobre o objeto a ser alcançado, tendo uma noção clara de que existiram modificações nas diferentes extensões do saber.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SOUZA Clariza Prado (org.) Lea Depresbiteris – Maria Laura P. Barbosa Franco – Sandra Fákia Lian Souza. *Avaliação do rendimento escolar*. 3°. edição - Campinas: SP: Papirus, 1994. (coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Jogo do contrario em avaliação* / Jussara Hoffmann – Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____, *Ponto e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação* - Porto Alegre:Mediação, 2005, 9° ed. revista 152p.

SANT' ANNA Ilza Martins. *Por que avaliar? : como avaliar? : critérios e instrumentos* / Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escola: estudos proposições*/ Cipriano Carlos Luckesi. – 16°. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

NISKIER, Arnaldo. *Filosofia da Educação*, uma visão critica.

LDB – *Lei de Diretrizes e Base da Educação*.

PCNs – *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

PÁTIO Revista Ano 2, janeiro/março de 1999. p. 13-17.

VASCONCELOS, Celso dos Santos, 1956 - *Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar* 16° ed. / Celso dos S. Vasconcellos. São Paulo: Libertad 2006, (caderno Pedagógicos do Libertad; v. 3)

WERNECK, Hamilton, 1942 – *A nota prende, a sabedoria liberta*/Hamilton Werneck; ilustrações: Ricardo Goulart . – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2° edição.

MASETTO, Marcos Tarciso, *Didática: a aula como centro*, 1937 - 4ª ed. – São Paulo: – (Coleção aprender e ensinar)

DALSICO, Arali Maiza Parma e Gonçalves Marlene: *Pedagogia da infância I: Tempos e Espaços*, Cuiabá 2008.

Anexo

Questionário Sobre “A Avaliação da Aprendizagem”.

Ensino Médio

- 1) O que é avaliar para você?
- 2) Por que avaliar?
- 3) Para escola qual o método adotado para avaliar?
- 4) A escola abre a oportunidade para que o aluno seja avaliado no dia a dia?
- 5) Que proposta a escola oferece para uma avaliação dinâmica / participativa?
- 6) Qual é a reação do educando diante da avaliação?
- 7) Todas as questões sociais / familiar são levadas em consideração diante uma avaliação?
- 8) A escola está apta para avaliar e reprovar?
- 9) Qual é o método mais eficaz, se é que existe para uma avaliação ser considerada produtiva?
- 10) Qual sua concepção em relação ao professor ele avalia consciente que não aplica a avaliação como punição?
- 11) Quais são os métodos de avaliação que a escola adota para que se defina uma avaliação construtiva?

9) É corrigida durante o período da aula, reafirma o movimento e posteriormente corrigindo.

②) Para se ter a certidão, do que deve ser nos
seu direito.

3. Tochen o meins das Meliden, um raä abgunde, de. medelidode.

4) $\log_2 10$ approx.

(5) Today, most of our problems are self-inflicted!

5) Torn-se muitas peças, mas na maioria das
vezes importante de re-utilização.

(+) O final de ~~brevete~~ ~~deve~~ ~~ser~~ ~~revisado~~
com o país, mas isto é mais difícil
maior e até com os países da fruição
e não consigo a mi a ideia para
nada de novo fazer.

8) O uso da "força" para opinar, não se resume por "questões", porque se o professor não quiser a sua incorporação.

③ Linda nas conversas

(c) ∇ is a linear operator on $\mathcal{F}$.

Estorica de Ribeirão Preto 11/12/17